

## GEOFILOSOFIA, BIOCENTRISMO E EMPATIA

---

Pedro Sargento  
*Universidade de Roma Tor Vergata*

A geofilosofia é uma linha de pensamento recente interessada na revalorização, de âmbito teórico, prático e multidisciplinar, das paisagens e dos espaços naturais ou construídos. Neste artigo são apresentados os seus elementos centrais e explorados os seus pressupostos histórico-filosóficos. É também indagada a relevância de uma sua articulação com uma doutrina da Ética (o biocentrismo) e um conceito do léxico estético (a empatia).

**Palavras-chave:** Geofilosofia, Lugar, Natureza, Identidade, Temporalidade, Ética, Estética

---

La geofilosofia è una recente linea di pensiero impostata sulla rivalutazione, in chiave teorica, pratica e multidisciplinare, dei paesaggi e degli spazi naturali o costruiti. In questo articolo presentiamo i suoi concetti centrali, percorrendo altresì i suoi presupposti storico-filosofici. Sarà inoltre indagata la pertinenza di una sua articolazione con una dottrina etica (il biocentrismo) e con un concetto del lessico estetico (l'empatia).

**Parole-chiave:** Geofilosofia, Luogo, Natura, Identità, Temporalità, Etica, Estetica

---

### 1. Geofilosofia: a urgência de um neologismo

Nos setores políticos e económicos com maior preponderância reina ainda a ideia de que é necessário continuar a realizar o «mundo novo» anunciado nos tempos da revolução industrial e do advento do capitalismo. Esta nova era, que pôs à prova inteiras sociedades nas suas capacidades de adaptação e renovação, veio acompanhada por um fator decisivo em todas as grandes implementações de sistema: um nexos forte, sistemático e programático entre o poder e o seu discurso. Assim, foram surgindo noções e conceitos que hoje manifestam toda a sua força no modo como demarcam a fronteira entre quem está nessa corrente que dita a direção a tomar e quem está fora: «inovação», «empreendedorismo», «tecnologia», «progresso», «industrialização», «produtividade» ou «desenvolvimento» são apenas alguns de entre os exemplos possíveis.

Subjacente à efetiva aplicação destes conceitos, cujo campo de influência se limitou outrora às regiões industrializadas, mas que agora afeta já todo o planeta, está a atribuição de máximo valor a tudo o que implique mudança, transformação e produção. Para depararmos com as profundas alterações que esta ideologia sem rosto humano provocou na relação entre o homem e a natureza, e como a paisagem física muda com esta nova relação, não é necessário refletir profundamente. Para além das novidades simbólicas e teóricas

suscitadas por esta revolução, as suas consequências estão literalmente a nossa volta, e isto independentemente do meio físico que cada um de nós frequenta habitualmente.

A radicalidade da transformação operada na relação do homem com o espaço manifesta-se hoje em dia nos apelos de urgência que rodeiam o discurso ambientalista. Este tem conseguido introduzir-se nos centros de poder e decisão, o que tem contribuído decisivamente para uma nova percepção global da precariedade do mundo natural. Esta nova predisposição apresenta no entanto uma face maligna e não particularmente dissimulada: a elevação da defesa dos valores ambientais a discurso oficial e conseqüentemente «normalizante» dá-se à custa do perigo iminente, da destruição ameaçadora dos recursos naturais e da ameaça ao bem-estar e mesmo à sobrevivência dos próprios agentes que interferiram de forma direta e invasiva no equilíbrio natural. Por outro lado, a implementação de políticas «verdes» interfere diretamente no modelo globalizante, economicista e invasivo que continua a dominar, o que determina muitas vezes a subordinação das razões efetivas que implicariam uma verdadeira mudança ao território massmediático que envolve na simulacro e na aparência tanto os seus agentes como os seus pacientes. A prevalência e a ação continuada de um modelo de intervenção que se caracteriza pela invasão ao invés da requalificação, pela construção desenfreada e irrefletida apenas como meio de suprir exigências momentâneas, e principalmente por um paradigma na forma de modificar o espaço que tem como objetivo o lucro a curto prazo são algumas das razões principais que nos deveriam levar a refletir e a agir adotando outros e novos princípios. Exemplos que alimentam a necessidade de intervir de uma forma-outra são dados por variados episódios resultantes da desagregação urbana, e pelo debate acerca da influência que o modo de habitar nas grandes cidades tem em desequilíbrios e instabilidades sociais. Esta necessidade deve envolver todos e deve ser transversal a muitos saberes diferentes, e deve, definitivamente, conseguir enraizar-se no corpo social e desta forma impor-se também na rede das decisões políticas.

O problema da ordenação e do modo de intervir no espaço físico é pois referente tanto à realidade natural como à realidade urbana. É considerando estas duas dimensões como pertencentes a uma unidade orgânica e como interconexas que o conceito de *paisagem* apresenta todo o seu significado. As potencialidades residentes num neologismo do léxico estético-filosófico - a *geofilosofia* - conseguem atuar uma compreensão da paisagem que ajuda a recontextualizar este conceito no mundo moderno. A composição da palavra remete de imediato para a afinidade que se estabelece entre a terra e o pensar, entre o lugar e o *logos*.

Podemos intercetar a sua linha histórica fundamental reportando-nos à reciprocidade que os dois termos manifestam exuberantemente na obra e na biografia de Nietzsche, na sua busca incansável pelo lugar optimal onde a vida suportável e a paisagem ligeira fossem capazes de reconduzir o pensamento ao seu máximo vigor. A paisagem da Ligúria funciona como estímulo fundamental exalando simultaneamente o seu valor enquanto paisagem arquetípica<sup>1</sup>. Uma paisagem aberta e dialogante, capaz de se entranhar na pele e no pensar, que reclama ao corpo e à mente uma ancestral e essencial copertença. Zara-

---

1 A este respeito vd. Rizzi (inédito).

tustra, um recluso sem ascendência no mundo dos homens, tem esta região como ventre materno. A paisagem, neste caso, aciona e funciona, despoleta, engrandece e potencializa. Quando ela se dá ao corpo e à mente do filósofo, dá-se plenamente na manifestação pura daquilo que é a sua identidade. No caso em que se estabelece este diálogo, a paisagem e o pensamento interagem acabando por criar um único espaço, ou uma continuidade. Dá-se uma cinestesia reciprocamente alimentada; enfim, um acordo, como se pode descobrir numa reflexão de Jaspers: «A paisagem é o fundo do pensamento de Nietzsche [...]. No seu mundo Natureza e elementos não são apenas como pinturas claras ou como música ouvida, mas sim o irrepresentável tipo da realidade, o imediato como ele próprio fala» (Jaspers 1981, 368).

## 2. Temporalidade geofilosófica

Na criação de um espaço harmonioso entre o humano e o natural aparece como ineludível a presença de uma movimentação e uma adaptação que valem como condições de possibilidade para a realização do ímpeto inicial da filosofia: encontrar o real na sua manifestação pura, encontrar o domínio onde pensamento e realidade não necessitem de mediações, onde ambos falem a mesma língua.

Assim, a geofilosofia vai bem mais além do que uma busca pela influência do espaço circundante no espaço «interior», especificando ocasiões felizes nas quais o acordo entre a pessoa e o lugar assumem preponderância na obra. A sua especificidade deve ser procurada naquilo que já se estabelece no próprio termo: geo-filosofia, portanto uma filosofia da própria terra, um saber próprio e situado, um apelo de cada lugar, mas também da Terra inteira. Esta indicação etimológica não reclama necessariamente a nostalgia por um elo imaginário que, na ancestralidade da nossa espécie, nos tenha unido à natureza de forma perfeita, e portanto não se trata de querer achar em nós o que resta de bons selvagens. Remeter a questão da sabedoria da própria terra a uma busca pela coexistência pacífica do homem com a natureza, histórica ou imaginária que fosse, mas sempre retrospectiva, seria limitar, e como tal anular, a radicalidade da questão propriamente geofilosófica. Ela tenta posicionar-se no ponto exato onde é possível perspetivar uma adequação vindoura entre os seres humanos e os territórios, mas assumindo como valor essencial destas «comunidades que virão», parafraseando Agamben, a identificação dos traços que ao longo do tempo o estabelecimento, a permanência e a interação das populações com o meio foram *incluindo* nos territórios, fazendo com que as alterações derivadas desta relação passassem a pertencer aos lugares como suas características imanentes. Compreende-se assim porque a geofilosofia se inscreve com a mesma importância num horizonte temporal como aquela com que afronta as questões do espaço físico. A radicalidade do pensamento geofilosófico está na proposta de uma reavaliação categorial que pretende reorientar o modo como olhamos a paisagem tanto no domínio visual do espaço como no domínio mais abstrato do tempo. Nos textos de Luisa Bonesio<sup>2</sup> encontramos uma das

2 Professora de estética na Universidade de Pavia, é em *Geofilosofia del paesaggio* (1997) e em *Oltre il paesaggio. I luoghi tra estetica e geofilosofia* (2002) que a filósofa apresenta e desenvolve este termo.

mais acuradas elaborações de um modo novo de nos relacionarmos com a paisagem: a paisagem deixa de ser algo a ser fruído apenas visualmente, destinada a servir de objeto de contemplação durante os momentos dessa experiência, para ser pensada na sua adesão ao passado e ao futuro, unindo-a as suas dimensões retrospectiva e prospetiva, para assim reaparecer na sua completa expressividade.

Uma paisagem *pensada*, portanto, e não apenas entendida como uma porção de espaço disponível aos sentidos e a uma apreciação desligada. A paisagem não é um mero acontecimento do qual nos podemos destacar e que podemos emoldurar para que dela se faça um objeto inerte e esteticamente útil, no sentido em que se pretenderia que ela satisfizesse o nosso anseio por uma beleza inerte e confortante. As incursões da geofilosofia atingem mesmo o núcleo de um dos problemas estéticos por excelência: o da própria definição desta disciplina filosófica. Estética não como prostração do objeto perante os sentidos, não redutoramente compreendida como fruição das belas formas, mas uma estética que se poderia dizer *fundeadada*, imersa no ambiente, no espaço e no tempo. Finalmente, a geofilosofia desloca o foco do interesse estético para fora do âmbito exclusivo do fazer artístico, que várias vezes confinou a estética a uma atividade espiritual com objetivos bem precisos, como tal reduzindo-a a uma filosofia da arte. A estética encontra aqui uma nova via de fuga desta restrição de carácter hegeliano, para o qual as criações do espírito, e portanto os objetos de arte, «são superiores a qualquer produto natural» (Hegel, tr. it., 6-7). Os geofilósofos, que na última década têm conseguido estabelecer novas linhas diretrizes também para a estética, acolhem aquele tipo de *pensamento territorializado* que Heidegger imprimiu em toda a sua filosofia. O modo de ser próprio dos entes é a sua temporalidade, e é no interior do tempo que o ser se aciona e posiciona. O ser não é concebido já como uma realidade prévia e idealizada, mas como uma permanente atualização de si mesmo, levada a efeito pelos entes que povoam o espaço e o tempo, no seu modo de viver e de perceber. Os entes povoam, e o reflexo heideggeriano deste povoamento é o *Da-sein*, o ser-aí que aqui se pode dizer mais significativamente, e mais literalmente, um *aí-ser* (e é nesta inversão que consiste muito do pensamento do chamado segundo Heidegger, o Heidegger do *Tempo e Ser* e não tanto do *Ser e Tempo*, mas principalmente o Heidegger, *Pensador da Terra*, título de uma elucidativa obra de Fernando Belo). Portanto, o modo próprio de se ser no mundo não é mais do que um habitar a Terra nas dimensões inseparáveis do espaço e do tempo, o que faz do espaço, juntamente com a determinação temporal dos entes que o povoam e o assumem, não uma extensão que contém a matéria, mas o lugar originário, um «lugar existencial onde as coisas para viver, e a própria vida, podem ser recolhidas, encontrando-lhes um sentido» (Ottolini 1996, 7).

### 3. O lugar dos lugares: memória, tradição e inovação

Na vastidão do pensamento de Heidegger estão presentes dois aspetos que constituem o núcleo fundamental dos textos que, desde os anos 90, têm contribuído para o «clima geofilosófico» que, segundo Bonesio, se tem vindo a instalar. Em primeiro lugar, vimos como a questão do sentido do ser, que desencadeia todo o filão heideggeriano, se desenvolve e resolve numa análise cuidadosa do que significa habitar sobre a terra. O espaço,

na sua amplitude e na sua presença determinada, anuncia ao homem a sua disponibilidade. Não se trata de uma disponibilidade para o seu uso, mas de uma preparação para o seu preenchimento, de um acolhimento da maneira própria de o ser se manifestar, e que é precisamente o habitar a espacialidade. Trata-se de uma disponibilidade para deixar surgir, para fazer acontecer. É desta forma que se compreende uma expressão aparentemente tautológica, mas plena de significado como *o espaço espacializa* («der Raum raumb») (Heidegger 1959, 23). Nesta disposição de espaço e na abertura ao seu preenchimento que o aí-ser pode cumprir-se, uma vez que este é largado no espaço para assumir a sua aceitação da possibilidade e do projeto como sua essência e sua verdade. Só nesta prefiguração se deixa apreender o sentido do sentido de cada lugar, ou, como refere o filósofo Giuseppe Raciti, o seu sentido *destinal* (1990, 38). O lugar surge lá onde o modo de o transformar e de o preencher apresenta a destinação essencial do ser humano, a sua ontologia em movimento. Nesta profunda relação entre o espaço e o homem é que se encontram os fundamentos últimos dos apelos de Luisa Bonesio para que se aprenda a «escutar» o lugar, a revelar-lhe identidade e a fisionomia própria e única em cada um: pela atenção no presente ao que o passado foi deixando sedimentado no espaço é que é possível verdadeiramente falar de lugares como porções de espaço já estabelecidas nos territórios, resultantes de um longo processo de tomada de uma identidade, através do modo próprio de uma comunidade realizar o processo vital que é a própria existência. Se tivermos em consideração estas ideias, cada lugar reflete de sinais perceptíveis de uma alma interior. Como em muitas outras situações, não é preciso ter uma sensibilidade ultradesenvolvida para se conseguir ver para lá do que o simples olhar nos proporciona, mas sim exercer uma curiosidade, procurar informação e ter vontade de ver verdadeiramente.

O segundo aspeto tem a ver com o desenvolvimento técnico e científico. Os resultados destas reflexões sobre as paisagens e os lugares, que ambicionam promover um novo e original «saber da Terra», colocam em evidência a necessidade de repensar o aspeto contrastante, e muitas vezes conflituoso, que relaciona tradição com inovação. Sendo esta talvez a problemática mais recorrente no que diz respeito à intervenção arquitetónica e urbanística, o pensamento geofilosófico pode sem dúvida entrever aqui uma via de entrada para ver concretizada a sua natureza multidisciplinar. A geofilosofia, pela forma própria como consegue introduzir na paisagem uma sua expansão temporal que capta o eco das origens e o *genius loci*, não pode senão revelar a sua vocação denunciadora relativamente ao modo como a era moderna olhou e transformou a paisagem. A crítica dirige-se, como já atrás fiz referência, a todo aquele modo de proceder que transforma a paisagem tendo por um lado uma obsessiva sede de intervenção que resulta de um modo instrumental de entender a natureza e o espaço físico em geral, e, por outro, de uma orientação económica que não tem problemas em distorcer o conceito de «progresso», fazendo-o depender quase exclusivamente da obtenção de uma vantagem a curto prazo, sinal evidente de uma incapacidade de olhar o mundo atual incluindo-lhe a sua proveniência remota e a sua persistência no futuro. Mas a apresentação deste confronto pode deixar perceber uma bem mais pernicioso realidade: a dialética entre poder e discurso polarizou-o de tal modo que conseguiu investir de um valor quase absoluto, e durante muito tempo inquestionável,

tudo o que se retinha necessário para o desenvolvimento, o progresso, e em geral o que contribuía para uma valorização do pólo da «inovação», enquanto ia lançando no descrédito e no esquecimento quem se atreveu a olhar para o futuro apontando para o passado, forçando conotações negativas que continuam a passar hoje por acusações de «conservadorismo», «passadismo» ou «saudosismo».

A monumental obra *O Declínio do Ocidente*, de Oswald Spengler, pode ser lida à luz de uma advertência lançada às culturas que deixam cair no esquecimento a força que as estabeleceu na superfície do mundo. As manifestações de caráter espiritual de cada cultura, que no seu conjunto possibilitam a definição de um seu estilo próprio e irrepetível, afundam as suas raízes numa sua específica percepção da espacialidade. O vínculo ancestral de uma comunidade com o seu espaço físico, e portanto com a sua paisagem, desvela o «símbolo originário» que se reproduz de forma mais ou menos evidente nas «expressões vitais de ordem superior» (Spengler, tr. it., 177), que reconduzem àquilo que é a identidade comum presente em cada uma destas vivências partilhadas. Desta forma, a capacidade de sobrevivência das culturas depende necessariamente de nelas se despertar o instinto de conservação do seu próprio passado, de na conservação e na memória se reconhecerem as condições para se não acelerar o seu declínio através de um autoanulamento<sup>3</sup>. A descoberta de uma identidade cultural complementa-se com aquela que dá a cada estilo um ritmo próprio, um modo personalizado de se manter no tempo. Cada nova manifestação de uma cultura necessita de ser assimilada, e ensinada às novas gerações. Por outras palavras, ela precisa de ser *ritualizada*. É necessária uma sua sedimentação no espaço e no tempo de modo a tornar o passado algo reconhecível, corporizá-lo como algo que nos pertence. A isto muito significativamente se refere Pier Luigi Cervellati, quando afirma que «a tradição é uma inovação conseguida»<sup>4</sup>, operando uma síntese capaz de proceder à assimilação dos opostos, notando uma essencial vinculação entre os dois conceitos. A conservação e a tutela do património físico e espiritual devem indicar a estrada da mudança e da novidade enquanto elementos vivos do progresso que, por assim dizer, «reboca» o passado e que com ele concorda. Os monumentos (aqueles de caráter «memorial»), na sua evocação de eventos ou figuras, dão-nos uma experiência imediatamente acessível desta conciliação das três dimensões temporais num único objeto. Eles são expressões atuais de um passado que ambicionou o reconhecimento do futuro, e como que um alerta contra o esquecimento.

#### 4. Sentir pangeofilosófico

O caráter da filosofia da terra permanece todavia muito ligado a uma vocação denunciadora e simultaneamente programática. A esta dimensão deve, no entanto, ser acrescida uma sua constitutiva normatividade, que se esforça por veicular aquilo que proclama já no seu nome: encontrar e articular as razões da terra, o que não se esgota na já descrita von-

---

3 O latino *con-servare* indica precisamente a ação ou a característica de manter alguma coisa no seu «ser» próprio.

4 Cf. Cervellati (2000).

tade em falar em uníssono com esta, de lhe captar a «aura», os «carateres identitários» ou a «fisionomia». Os textos de Luisa Bonesio, por exemplo, avançam para uma procura dos valores que simultaneamente refletissem o estilo próprio do pensamento geofilosófico e o legitimassem como discurso agregador e vinculativo. Neste sentido deve ser entendido o alerta explícito e repetido contra aquilo que Nietzsche definiu «o hóspede inquietante», ou seja o niilismo<sup>5</sup>. A perda do respeito a um valor ou sistema de valores, quer se trate de entidades reais ou de símbolos, produz o espaço ideal para a instalação de um desinteresse pelas conseqüências dos atos e por uma generalizada perda de respeito que se manifesta muito cedo na redução do mundo natural a mero território despersonalizado e vazio.

Não se esconde a intenção de fazer da geofilosofia um modelo capaz de reconduzir o homem a uma nova expressão de si próprio, libertando-se de tudo o que, ao longo das últimas décadas, lhe turvou o pensamento e o incapacitou de ter hoje uma relação harmoniosa com o mundo natural. Desta forma a geofilosofia não pode ser catalogada simplesmente como uma filosofia da natureza, pois toda ela é percorrida por uma profunda reflexão humanista capaz de apontar caminhos para uma desejada reabilitação do espírito humano. A batalha contra o niilismo deve, por isso, munir-se de instrumentos de propagação de novos motivos e princípios, que, porém, (observação que me parece da máxima importância) não devem procurar restabelecer uma verdade metafísica que acabaria por condicionar, se não mesmo determinar, esta questão, reintroduzindo-a numa batalha entre opostos<sup>6</sup>. Os valores do respeito pela terra podem ser encontrados na esfera da imanência. Ao tentar ouvir o respiro dos espaços, ademais, parece-me mais afim a noção de *sentir* a terra em vez de propriamente saber pensá-la, uma vez que o pensar implica necessariamente uma distanciação relativamente ao objeto, correndo o risco de se cair ou na pura instrumentalização ou na pura contemplação. Juntamente com a ação, a dimensão do sentir parece ir de encontro mais diretamente aos aspetos centrais da geofilosofia. A exigência é portanto a de um saber sentir, mas não se trata somente de conseguir efetivar uma alteração da nossa sensibilidade, moldando-a aquilo que julgamos ser o anseio da paisagem: no fundo trata-se de um *sentir com*, o que aciona algo como um sentir dessubjectivado, capaz de envolver cada um de nós e cada uma das coisas exteriores num único domínio sem uma referência privilegiada a qualquer um dos pólos.

Dois conceitos me parecem indicados para acionar este movimento: o primeiro provém de uma doutrina da ética, o *biocentrismo*. Segundo esta conceção, no centro do universo, tomando assim o valor mais amplo e ao mesmo tempo o valor de guia para as ações do homem, está a vida no seu sentido mais abrangente. Esta visão opõe-se ao antropocentrismo e por isso promove uma deslocalização do foco da ação desde os interesses especificamente humanos para os interesses gerais da vida em todas as suas manifestações, valorizando desde logo a sua preservação e a sua tutela. Seres animais e seres vegetais devem poder viver de acordo com as suas mais essenciais determinações biológicas,

5 Vd. Galimberti (2007), obra de grande sucesso, nomeadamente entre o público mais jovem, pela sua abordagem simples e construtiva relativamente a este tema. A expressão de Nietzsche aparece nos *Fragments Postumos*, Fr.2 (127) 1885-1887.

6 Para uma lúcida exposição deste problema vd. Perniola (2001).

e, neste sentido, e tendo a ação humana um impacto desproporcionado no mundo natural, cabe à humanidade intervir nas paisagens consciente da união fundamental que a une a todos os seres vivos. O biocentrismo professa o respeito pelos interesses de qualquer ente vivo na sua dimensão puramente biológica. Estes, numa definição muito ampla, passam por não obstruir o ciclo que vai desde o nascimento até à morte, deixando a natureza específica de cada organismo meter em prática a procura pelas melhores condições possíveis para o cumprimento desse ciclo. Esta visão coloca em evidência o caráter da paisagem como *paisagem viva*, não só porque boa parte dos seus elementos são de facto seres vivos, incluindo o homem, mas também porque os próprios territórios, ecossistemas, etc., como um todo, possuem uma organicidade que lhes confere o aspeto essencial da sua mutabilidade ao longo do tempo, de onde não está ausente, como vimos, a relação dialogante com as populações. É a esta organicidade que Luisa Bonesio chama *fisionomia da paisagem*, mas à qual poderíamos também chamar *fisiologia da paisagem*, deixando a categoria estética do sentir propagar-se para além do humano, envolvendo a totalidade da vida e potenciando um «sentir com» muito mais envolvente e libertador, porque se desliga de um agente privilegiado.

Precisamente o «sentir com» está na origem da palavra *empatia*, que é um outro conceito capaz de nos ajudar a geofilosofar. Neste não está presente a carga normativa que rege a conceção biocêntrica, deixando o campo de reflexão aberto a uma pura abordagem estética, ainda que se proponha uma estética renovada. Embora tenha sido Husserl a sistematizar o termo *Einfühlung* no domínio da fenomenologia, o seu aparecimento na terminologia estética data já dos anos setenta do séc. XIX, num ensaio de Robert Vischer intitulado *Sobre o sentimento óptico da forma* (1873). Partindo dos pressupostos aqui delineados, Wilhelm Worringer instituiu definitivamente a centralidade do conceito de empatia na reflexão estética. Na obra *Abstração e Empatia* (1908), o teórico alemão mostra como desde a época pré-clássica as criações artísticas se constituem como portadoras da prevalência de um ou de outro destes impulsos psíquicos. Interpretando o conceito de *Kunstwollen* do seu mestre Alois Riegl, Worringer nota que existe uma relação direta entre a empatia e as tendências orgânicas da arte, isto é, a aproximação da expressão artística a uma representação naturalista e mimética. O predomínio da empatia é uma consequência do homem que encontrou o seu lugar no mundo, conseguindo sair de uma idade na qual os sentimentos dominantes eram de retraimento e subjugação ao devir caótico dos fenómenos naturais, através da construção de um saber crítico e reflexivo capaz de relativizar e categorizar o real. Não é surpresa portanto que Worringer evoque a idade grega clássica, e tudo o que dela irradia no domínio artístico, como o período no qual se dá a máxima identificação do homem com o seu ambiente. Serve como prova factual da sua teoria a constante busca por um ideal de harmonia e a presença de uma nobre placidez (como famosamente a definiu Winckelmann) que caracterizou o período áureo da escultura grega, entre os sécs. IV e V a.C.

Para além do modo como Worringer explora o conceito, que incide numa reavaliação da história e da crítica da arte, a empatia pode constituir para nós um valioso objetivo a atingir numa progressiva renovação do que poderá significar um «bem-estar» natural e

uma reconciliação com as paisagens. Eles basear-se-ão numa identificação profunda com o contraponto exterior do nosso próprio agir e pensar a terra. É esta continuidade, vacilante nos nossos dias, que permitirá à terra ter um ouvinte que a entenda e um companheiro que a sente, numa união íntima que nos fará caminhar com o mesmo movimento com que estabelecemos raízes.

### **Bibliografia**

- Belo, F. 1992. *Heidegger, pensador da terra*. Coimbra: Associação de Professores de Filosofia.
- Bonesio, L. 1997. *Geofilosofia del paesaggio*. Milano: Mimesis.
- \_\_\_\_\_. 2002. *Oltre il paesaggio. I luoghi tra estetica e geofilosofia*. Casalecchio: Arianna.
- Cervellati, P.L. 2000. *L'arte di curare la città*. Bologna: Il Mulino.
- Galimberti, U. 2007. *L'Ospite Inquietante. il nichilismo e i giovani*. Milano: Feltrinelli.
- Hegel, G. W. F. 2008<sup>3</sup>. *Vorlesung über die Ästhetik*. Tr. it. *Estetica*. (2 vols.). Torino: Einaudi.
- Heidegger, M. 1959. *Unterwegs zur Sprache*. Pfullingen: Günther Neske.
- Jaspers, K. 1981 [1935]. *Nietzsche. Einführung in das Verständnis seines Philosophierens*. Berlin/New York: De Gruyter.
- Ottolini, G. 1996. *Forma e significato in architettura*. Roma-Bari: Laterza.
- Perniola, M. 2001. "Le ultime correnti dell'estetica in Italia" in *Storia della letteratura italiana. Il Novecento. Scenari di fine secolo*. Milano: Garzanti.
- Raciti, G. 1990. *Dello spazio*. Catania: C.U.E.C.M.
- Rizzi, A. 2002-2003. (inédito) *Nietzsche, la Liguria e Genova, I luoghi come archetipi*, tese de licenciatura em Línguas e Literaturas Estrangeiras apresentada à Universidade de Génova. <http://www.tesionline.it>.
- Spengler, O. 1918. *Der Untergang des Abendlandes*. Viena: Verlag Braumüller. Trad. it. 1991. *Il tramonto dell'Occidente*. Parma: Guanda. Trad. port. 1964. *A Decadência do Ocidente*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Vischer, R. 1873. *Über das optische Formgefühl: Ein Beitrag zur Aesthetik*. Leipzig: Hermann Credner.
- Worringer, W. 1908. *Abstraktion und Einfühlung*. Tr. It. 1975. *Astrazione e Empatia*. Torino: Einaudi.